



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO ACADÊMICO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – INGLÊS**

MARINALDO GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR

**NATUREZA DO SISTEMA DE LÍNGUA SAUSSURIANO: UM ESTUDO
INTRODUTÓRIO SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL**

**CAMPINA GRANDE
2019**

MARINALDO GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR

**NATUREZA DO SISTEMA DE LÍNGUA SAUSSURIANO: UM ESTUDO
INTRODUTÓRIO SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras – Inglês.

Área de concentração: Linguística Teórica.

Orientador: Prof. Me. Joselito Porto de Lucena

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva Junior, Marinaldo Goncalves da.
Natureza do sistema de língua saussuriano [manuscrito] :
um estudo introdutório sobre o Curso de Linguística Geral /
Marinaldo Goncalves da Silva Junior. - 2019.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação , 2019.
"Orientação : Prof. Me. Joselito Porto de Lucena ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Linguística estrutural. 2. Língua. 3. Sistema de língua
saussuriano. I. Título
21. ed. CDD 410

MARINALDO GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR

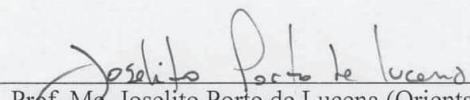
NATUREZA DO SISTEMA DE LÍNGUA SAUSSURIANO: UM ESTUDO
INTRODUTÓRIO SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

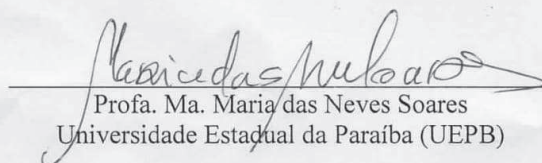
Artigo, apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Inglês.

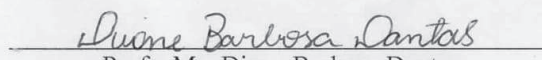
Área de concentração: Linguística Teórica.

Aprovado em: 20 / 11 / 2019 .

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Joselito Porto de Lucena (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Maria das Neves Soares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Dione Barbosa Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico à minha mãe e à minha avó, pelo exemplo de integridade e caráter com os quais sempre encararam a vida.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA	8
3	O SISTEMA DA LÍNGUA	9
3.1	Arbitrariedade e linearidade	10
3.2	Valor linguístico	12
3.3	Imutabilidade e mutabilidade	13
3.4	Mecanismo da língua	13
4	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS	19

NATUREZA DO SISTEMA DE LÍNGUA SAUSSURIANO: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO DO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Marinaldo Gonçalves da Silva Júnior ¹

RESUMO

O presente trabalho busca analisar introdutoriamente, de uma perspectiva de sistema, a caracterização da natureza do sistema de Língua no Curso de Linguística Geral, de autoria póstuma do linguista Suíço Ferdinand de Saussure. A metodologia é de cunho qualitativa, com abordagem de pesquisa bibliográfica. Como procedimento metodológico foram analisados 6 (seis) princípios que mais se alinhavam com a perspectiva de sistema, ou seja, levando-se em consideração as relações que as unidades da língua, os signos, possuem entre si dentro no sistema. São eles os princípios de arbitrariedade, linearidade, valor linguístico, imutabilidade, mutabilidade, e mecanismo da língua. Ao final do artigo, é possível concluir como a Língua enquanto um sistema ordenado e organizado por relações sintagmáticas e associativas funciona e as implicações que podem ocorrer a partir desses postulados. A ideia de sistema é o que gera e desenvolve o pensamento saussuriano. Para Saussure, tudo é relação quando se fala nos fatos da língua.

Palavras-chave: Linguística estrutural. Língua. Saussure.

NATURE OF SAUSSURIAN SYSTEM OF LANGUAGE: AN INTRODUCTION TO THE COURSE IN GENERAL LINGUISTICS

ABSTRACT

This work intends to introductory analyze, from a perspective of system, the characterization of the nature of language system presented in the Course in General Linguistics. The book has posthumous authorship, it is written by the Swiss linguist Ferdinand de Saussure. This work makes use of qualitative methodology and bibliographic research approach. As methodological procedure, it was analyzed 6 (six) principles that more had in common from a perspective of system, in other words, it takes into account the relations that the unities of language, the signs, had between themselves. They are the principles of arbitrariness, linearity, linguistic value, immutability, mutability, and mechanism of language. At the end, it is possible to conclude how the language as an organized and ordered system by syntagmatic and associative relationships work and the implications that are possible to occur from those postulates. The idea of system is what makes and develops the saussurian thought. For Saussure, everything is related when we direct our attention to the facts of language.

Keywords: Structural Linguistics. Language. Saussure.

¹Graduando no Curso de Nível Superior em Licenciatura Plena em Letras – Inglês.

Artigo, apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Inglês. Campina Grande, 2019.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar 6 (seis) princípios gerais que mais se alinhavam quando se olha a língua a partir de uma perspectiva de sistema, em outras palavras, quando se olha a língua de uma perspectiva que enfoca um conjunto de elementos que se inter-relacionam. São eles os princípios de arbitrariedade, linearidade, valor linguístico, imutabilidade, mutabilidade, e de mecanismo da língua, presentes no Curso de Linguística Geral do linguista genebrino Ferdinand de Saussure. No intuito de explicitar que o que define a teoria de língua de Saussure são as relações que os termos têm entre si.

A metodologia é de cunho qualitativa, com abordagem de pesquisa bibliográfica. Como procedimento metodológico foram analisados 6 (seis) princípios que mais se alinhavam com a perspectiva de sistema, ou seja, levando-se em consideração as relações que as unidades da língua, os signos, possuem entre si dentro no sistema. São eles os princípios de arbitrariedade, linearidade, valor linguístico, imutabilidade, mutabilidade, e mecanismo da língua.

Os principais teóricos que deram corpo para este estudo foram Basílio (2010), Juchem (2008), Leite e Oliveira (2012), Nóbrega (2004) e Silva (2012).

Este trabalho se dividi em: introdução, local ao qual é inserido o contexto de como a linguagem se diferencia da língua; em seguida do tópico “Linguagem, Língua e Fala”, visando dissociar a língua da linguagem e da fala; na sequência o terceiro tópico “O sistema da Língua” é onde daremos introdução à ideia de sistema, e dos subtópicos de “Arbitrariedade e linearidade”, “Valor linguístico”, “Imutabilidade e mutabilidade”, e “Mecanismo de língua” que servirão como fundamentação para evidenciar como estes princípios agem em relação ao sistema; o quarto tópico trata-se da conclusão; e, por fim, as referências.

Por motivos de objetividade faz-se necessário adentrarmos na gênese do livro, já que sua origem é peculiar, sendo introduzido ao mundo por seus discípulos. O livro que deu início a essa corrente da linguística e a firmou no campo científico foi o Curso de Linguística Geral, por atribuir a língua como objeto de estudo à Linguística, no início do século XX.

O livro é de autoria de Saussure baseado em aulas particionadas em três cursos, ministradas por ele mesmo de 1907 à 1911. O livro é de autoria póstuma e data de 1916, três anos após seu falecimento em 1913. Ele foi editado por seus alunos Charles Bally, Albert Sechehaye, tendo como colaborador Albert Reidlinger que fizeram uma compilação de anotações *ipsis verbis*², feitas por alunos, durante as aulas e de manuscritos antigos de cunho de Saussure.

Deve-se salientar alguns aspectos do Curso de Linguística Geral para uma melhor compreensão deste trabalho. O aspecto inacabado da obra, visto o falecimento prematuro do autor, já que restava ainda um curso, além dos três já feitos, a ser apresentado. A edição do livro que na realidade pertence a discípulos de Saussure, mudando algumas conclusões que eles acharam serem melhores para o entendimento da obra. E um dos aspectos principais é que o CLG não se propõe a ser um trabalho que decorre sobre todos os elementos linguísticos, mas que busca trazer, *a priori*, a língua como objeto científico de estudo.

Saussure escreveu uma linguística futura, um projeto de linguística que se propôs, de forma objetiva, ordenar os conhecimentos linguísticos anteriores, para que assim pudesse edificar a linguística como uma ciência sólida.

Silva (2012) nos fala mais sobre isso ao nos mostrar que

[...] da reflexão de Saussure a respeito de como deveriam ser os estudos de natureza linguística, ou seja, dos procedimentos metodológicos, e de qual seria o objeto de estudo da Linguística, que se pode chamar de corte metodológico. Tal corte

² Transcrita exatamente da forma que foi dita.

metodológico daria *status* de cientificidade à Linguística e instauraria a *langua* [língua, em português] como seu objeto único. (SILVA, 2012, p. 75).

A importância do CLG não se dá apenas pelo impacto para a fundação da linguística como ciência, mas, principalmente, por influenciar fundamentalmente as teorias conseguintes sobre a língua e a linguagem. A linguística de Saussure foi construída tomando a língua como *fato social*, definição esta que estudiosos como Whitney (1867) já aceitavam ao conceituá-la como *instituição social*, terminologia diferente da de Saussure ou dos linguistas que o sucederam, porém com a mesma intenção.

Uma das questões que relevaram para a produção deste trabalho foi justamente por Saussure ser reconhecido pela sua figura clássica de significado, significante e de signo. No entanto, queremos exteriorizar que o fato mais peculiar que Saussure nos apresenta não é o signo, mas a ideia de sistema da língua.

Não podemos falar sobre princípios gerais se não conceituarmos o que é linguagem e língua na perspectiva saussuriana, pois, como Saussure costuma explicitar no CLG, devemos partir do geral para o específico e não do caminho inverso.

2 LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

A leitura estruturalista do CLG que concebe a língua como estrutura fixa e imutável, é comumente atribuída à figura de Saussure. No entanto, existe uma quantidade considerável de trabalhos que analisam a proposta saussuriana como o de Mangabeira (2011, p. 286) que infere que “na definição de língua (*langue*), está a fonte de muitos equívocos a respeito da teoria linguística de Saussure”. Isso pode ser notado pelo fato da leitura efetuada sobre o CLG ter sido feita numa perspectiva estruturalista.

A leitura que faremos é outra. Ela foi efetuada tendo em vista o sistema. Para isso, inicialmente Saussure (2006, p. 13) determina que “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...], considerando-se [...] todas as formas de expressão.”. Isso demonstra que não somente a fala é importante como também outras formas de exprimir-se como as imagens visuais e gestuais, não excluindo as imagens acústicas.

A Linguística ficaria encarregada do estudo de todas as formas de expressão passíveis de uma sistematização. Essa explicação se dá pela tarefa imposta por Saussure para uma linguística futura: “delimitar-se e definir-se a si própria.”. O campo da Linguística, até então, não havia se especificado, nem tão pouco determinado o que deveria ou não ser tratado por suas observações.

Saussure a partir desse momento iniciou um projeto de edificação das bases do campo acadêmico da Linguística. O desenvolvimento que ele previa do campo da Linguística deveria, posteriormente, fundamentar seu corpo teórico ao delimitar o que seria possível estudar nela e o que não poderia ser estudado de uma perspectiva linguística, então, a Linguística poderia obter sua definição com bases nesses novos estudos.

Em seguida, Saussure estabeleceu alguns pressupostos para que fosse possível o estudo objetivo da linguagem. Ele iniciou por fundamentar que “o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural”. (Saussure, 2006, p.17) Logo, a linguagem reside tanto no interior quanto no exterior do indivíduo, mesmo sendo “multiforme e heteróclita, [...], ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social, não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.” (Saussure, 2006, p. 17)

O desconhecimento do método apropriado para inferência da unidade da linguagem foi uma dificuldade inicial para a sistematização dos conhecimentos linguísticos. Só foi possível uma organização desses conhecimentos até então devido à decisão de Saussure por colocar a língua como base dos fatos linguísticos, dessa forma, pondo uma ordem de caráter natural em um conjunto que não é passível de sistematização que é a linguagem.

Para dar ordem ao domínio irresoluto da linguagem, foi necessário pôr a língua como “norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (Saussure, 2006, p. 16). Sendo um princípio de classificação, a língua recai sobre um conhecimento adquirido e convencionalmente social, um sistema da coletividade. “A língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (Saussure, 2006, p. 17).

Se é, pois, a língua que permite ao corpo social o exercício dessa faculdade, é válido afirmar que a língua seja a unidade da linguagem, é isso que propõe Saussure. Nisso que se baseia a primeira tarefa futura da linguística: “fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger [...]” (Saussure, 2006, p. 13).

A dicotomia fala/língua é outro elemento que necessita resolução. Ao inserir a fala em oposição à língua, Saussure faz uma comparação de conceitos opostos, Juchem (2008) afirma e corrobora para a questão e desenvolvimento da problemática deste trabalho ao desembaraçar a língua da fala dizendo que

Para Saussure, a língua é um sistema de signos em que os elementos linguísticos organizam-se e articulam-se sob a ordem do repetível e do comum. A língua é universal, regular e interna ao próprio sistema; ao passo que a fala é individual, irregular e externa ao sistema. (JUCHEM, 2008, p. 22).

O escopo deste trabalho focaliza em elementos que percebem a língua enquanto sistema, nos abstermos da fala por ela não suprir essa necessidade. Carvalho (1980, p. 12) adiciona que “A *parole* [fala] é a própria *langue* [língua] em ação, *énergie* (atividade) e não *érgon* (produto). Silva (2012) nos informa mais quanto a isso, e adiciona:

[...] a fala, a parte individual da linguagem, fora definida como “um ato individual de vontade e inteligência”, a *langue* [língua, em português] recebera dupla definição: um objeto “social em sua essência e independente do indivíduo”; e “um sistema virtual que existe no cérebro.”. (SILVA, 2012, p. 75).

Após definirmos a língua, a fala, e a linguagem, adentramos a questão do caráter sistemático da língua. Para isso, vejamos uma introdução ao sistema da língua e os princípios gerais que visto do todo, ou seja, do sistema, fundamentam nosso posicionamento.

3 O SISTEMA DA LÍNGUA

Nosso entendimento busca como a língua se mostra de forma sistemática (ou sistêmica), para isso analisaremos alguns princípios presentes no CLG que fundamentariam essa forma. Antes disso, precisamos notar que essa perspectiva foi deixada de lado pelos teóricos nas primeiras décadas que sucederam à publicação do CLG, pois um problema impediu essa busca por um tempo considerável, principalmente devido:

A organização dada pelos editores ao CLG, ou talvez a falta mesmo de uma leitura mais apurada, rigorosa, como pede uma obra tão importante para a linguística, impediu que se visse o fundamental, a ideia nuclear, a de sistema. Se passarmos uma

vista de olhos por trechos do CLG veremos Saussure insistir na tese de que o signo sozinho não existe, ele só existe dentro do sistema, quando em relação com os outros signos. (NÓBREGA, 2004, p. 102).

Isso nos esclarece sobre como os estudos acerca do CLG eram conduzidos e quanto a forma inapropriada de avaliá-los que era sendo propagada na época. Esses fatos geraram uma percepção que não se levaria em consideração as relações que elementos linguísticos têm entre si.

Nóbrega (2004) discorre ainda sobre esse fato ao afirmar:

A idéia de sistema sempre esteve presente para Saussure, em seus estudos (seja na preparação para os cursos de linguística geral, nos estudos dos anagramas ou nas lendas germânicas) Mas, ao mesmo tempo, e de forma insistente, Saussure está relacionado a uma abordagem do signo como elemento isolado. (NÓBREGA, 2004, p. 101).

Primeiramente, devemos notar que a linguagem tanto sendo individual quanto social não é, pois, natural, é válido lembrar que não é natural, não por não ser uma característica biológica, mas pela necessidade de aprendizado, ou seja, só é através do aprendizado que uma língua pode ser adquirida. O que é natural na realidade é a faculdade de constituir um sistema de língua, mais propriamente “um sistema de signos distintos correspondentes” (Saussure, 2006, p. 18). Nascemos predispostos ao aprendizado de qualquer sistema sígnico, contanto que sejamos ensinados.

Mas para a língua se apresentar como sistema faz-se necessários princípios norteadores, os quais lhe forneceriam propriedade para seu estabelecimento. Como já foi dito, procuramos analisar introdutoriamente alguns princípios saussurianos acerca da língua como sistema, como Saussure costumava falar, de relações solidárias entre os signos. Esses princípios são: 1) arbitrariedade e linearidade; 2) valor linguístico; 3) Imutabilidade e mutabilidade; e o 4) mecanismo da língua.

3.1 Arbitrariedade e linearidade

Ao buscar a unidade da língua, parte sistêmica da linguagem, Saussure localiza o signo que é a associação mental do significado (conceito) com um significante (imagem acústica, não é o som em si, mas a representação dele em nossas mentes.). O fato do signo surgir de uma associação mental com uma representação mental de um som justificaria sua essência totalmente psíquica, pois ambas as partes que o constituem só existem no cérebro.

Tendo em vista a premissa deste trabalho, os princípios que afetam o signo afetam da mesma forma o sistema, influenciando um ao outro, essa ideia se firma na afirmação de Saussure de que “cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra.” (Saussure, 2006, p. 132), i. e., para chegarmos ao signo é preciso partirmos do sistema.

O sistema tem relação com o indivíduo, relação de superioridade, Carvalho (1980) invoca tal relação quando nos diz que:

Sendo o sistema superior (supra-indivíduo), todo elemento linguístico deve ser estudado a partir de suas relações com os outros elementos do sistema e segundo sua função [...] e não por suas características extralinguísticas – físicas, psicológicas, etc. (CARVALHO, 1980, p. 13).

A língua é uma convenção social. Ela existe pela coletividade de membros de uma comunidade que partilha uma mesma língua. Ela ainda existe fora e dentro do indivíduo, já que o indivíduo faz uso dela para se comunicar. Estes fatos dariam base para a afirmação de Carvalho (1980) ao dizer que o sistema é superior ao indivíduo.

É comumente atribuída à imagem de Saussure da língua apenas como nomenclatura, porém Leite e Oliveira (2012) afirmam que:

A língua em termos saussurianos, não é nomenclatura, no sentido de estar ‘colada’ ao mundo; ela é a linguagem menos a fala. A língua é um sistema diferente de outros, já que possui caráter negativo, ou seja, em termos de *unidade*, não se tem nada a priori, é só na relação, o que remete à ideia de que não se tem elemento antes do sistema. (LEITE; OLIVEIRA, 2012, p. 9).

Leite e Oliveira nos mostram que são as relações solidárias, que um termo tem com os outros termos que definirá à sua unidade.

O signo só poderia existir do momento em que o encaramos a partir da língua, e no que se refere a língua, ele se forma graças a uma faculdade em particular que Saussure denominou de faculdade de associação. Essa faculdade é uma qualidade natural que nós humanos possuímos de associar um significante a um significado. Como o significado não possui relação de qualquer natureza com a imagem acústica que lhe é convencionalizado, é disso que se trata quando falamos de arbitrariedade.

Se olharmos da perspectiva estática, ou seja, de um estado da língua, veremos que Saussure (2006) diz que não há diferença entre os signos de *horse* (cavalo, do inglês) para o signo “cavalo” em português. Usamos a imagem acústica associada ao significado porque as gerações passadas assim fizeram. Só há explicação da perspectiva diacrônica, em outras palavras, só há explicação quando olhamos da construção do sentido no tempo, pois é no tempo que esta forma foi convencionalizada, o significado é o mesmo. O signo por ser arbitrário só obedece a regra da tradição. A língua composta por relações de signos também compartilha dessa arbitrariedade, a existência de uma regra lhe dá suporte para seu estabelecimento como sistema, caso contrário, a língua retornaria para o domínio irresoluto da linguagem.

Posições como a de Neumann (2010) destrincham esta relação no que se interessa:

[...] o signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, e sim um conceito e uma imagem acústica, ou seja, a impressão psíquica sensorial ao conceito. O signo linguístico é, portanto, uma entidade psíquica de duas faces, em que os dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. (NEUMANN, 2010, p. 3).

O signo sendo arbitrário indicaria a língua como arbitrária, pelo que pudemos apreender a partir do CLG. A língua é condicionada pelo mesmo fato que o signo em si pode não ser em seu todo arbitrário, visto que “as solidariedades que as vinculam; são de ordem associativa e de ordem sintagmática; são elas que limitam o arbitrário.” (Saussure, 2006, p. 153).

Saussure utilizou-se do termo “solidário” para exprimir que um signo depende necessariamente tanto dos signos que o sucedem quanto dos que o antecedem. É de fato uma “solidariedade”, no que diz respeito aos termos se “ajudarem” na obtenção do sentido.

Todos os termos influenciam para que cada um deles obtenha seu significado próprio na linha. —, logo, seria por essa qualidade de limitação das relações sintagmáticas e associativas que a língua se estruturaria, são tais relações que compõem e limitam o sistema de língua saussuriano.

De outra maneira, a linearidade do significante suscita uma linearidade para a língua. O significante sendo imagem acústica se apresenta como uma estrutura em um único plano dimensional “uma linha”. Ele se apresenta na produção de elementos linguísticos sucessivos, seja de significantes acústicos ou de signos gráficos horizontais (línguas neolatinas), ou verticais (maioria das línguas tradicionais asiáticas, como o chinês, japonês, coreano etc.).

Pode-se afirmar que por ser arbitrária, a língua permite transitar entre os dois tipos de linhas de signos gráficos. Esse comportamento pode ser visto quando nativos de origem asiática utilizam a linha horizontal para o registro de suas respectivas línguas que se apresentavam tradicionalmente em linha vertical, não influenciando, aparentemente, os signos dos quais elas fazem uso.

Saussure decorre sobre esta lei linguística fundamental tomando-a por certeza, expondo que ela fora desacreditada pelo caráter simplista, porém, somente com a percepção de que a língua se apresenta numa linearidade que no permite situá-la no espaço, ordená-la e organizá-la sistematicamente.

3.2 Valor linguístico

A razão para decorrer sobre o valor e não sobre o signo em si foi a de que “[...] todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros [...]” (Saussure, 2006, p. 132). Basílio (2010, p. 5) elucida que “é o aspecto diferencial dos valores que se delimitam reciprocamente que ‘cria’ o sistema.”. Só se fala em valor se assim o fizer a partir do sistema. Bouquet (2000) caracterizou o valor linguístico como a base do que seria a linguística saussuriana.

Como Whitney, Saussure compreende a língua como “uma convenção” e “a natureza do signo convencional é indiferente.”, em outras palavras, a natureza do signo é negativamente diferencial. Leite e Oliveira (2012, p. 13) adicionam que “não há valores de antemão para os signos (o que lhes define o caráter negativo [...])”. Essa explicação reside no fato de Saussure perceber a língua como um sistema de valores puros, senão “a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora.” (SAUSSURE, 2006, p. 132), por ter como elemento constitutivo primariamente o signo – associação arbitrária de uma imagem acústica com um conceito, o valor acaba por ser relativo. E na ótica saussureana arbitrariedade e diferenciação são características reciprocamente fundamentadas.

Basílio (2010, p. 5) nos explica que “a arbitrariedade permite que uma mesma significação possa estar revestida de diferentes valores. Sendo assim, Saussure afirma que os valores são relativos uns aos outros no sistema linguístico.”. Basílio desenvolve que “dessa forma, o valor depende da presença e/ou da ausência de outros valores que só existem um em função do outro no sistema.” (BASÍLIO, 2010, p. 5).

Da mesma forma, outras abordagens se apresentam tendo em vista o CLG, Nóbrega (2004) evidencia que:

Saussure usa a palavra [valor] tanto no singular quanto no plural, embora tenhamos que destacar que o uso no plural é mais frequente já que ele se dedica a explicar as relações sintagmática e associativa separadamente e não chega a dizer como as duas funcionariam tendo em vista o sistema linguístico como um todo. O que não significa que ele não enfatize a necessidade de se ver o sistema como conjunto. (NÓBREGA, 2004, p. 103).

Uma das características marcantes do que definem o valor é por ele ser confundido com o que é unidade, identidade e realidade, no momento em que se postula que “um

fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não-coincidência com o resto” (Saussure, 2006, p. 137).

Sendo o valor negativamente diferencial, e a língua se nortear toda “sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas.” (Saussure, 2006, p. 126), que gera uma concordância na caracterização de unidade, realidade e identidade na qualidade de “a diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade.” (Saussure, 2006, p.141).

O valor só existe pela coletividade, ela que o usa e firma o seu consenso. Saussure entendia que o valor se apresenta no social, logo, o indivíduo estaria sujeito a ele. Um indivíduo somente não pode criar um valor, pois é necessário uma coletividade para firmá-lo e divulgá-lo. Para sermos mais claros, o valor é estabelecido pelo uso e consenso da coletividade.

O exemplo de Saussure presente no CLG deixa claro como o valor é criado, ao comparar as palavras “carneiro” em português e “*sheep*” do inglês. Saussure explica que enquanto a palavra “carneiro” é usada no português tanto para se referir ao animal vivo quanto ao animal preparado para o consumo, a palavra “*sheep*”, do inglês, possui um termo de oposição que é “*mutton*” para se referir ao animal preparado. Logo, o valor de “*sheep*” não será igual ao de “carneiro”, devido a esse fato, pois os valores se delimitam reciprocamente. Se apagássemos um desses dois termos, o termo restante ficaria com toda a carga de valor.

3.3 Imutabilidade e mutabilidade

Os princípios de imutabilidade e mutabilidade podem parecer simples à primeira vista, mas trata-se de pressupostos fundamentais para que seja possível o aprofundamento nas de suas características posteriores. A língua por ser arbitrária denota que ela é mutável, ela pode sofrer modificações pela coletividade. Pela razão da língua sofrer limitações pelas relações solidárias, ela expressa uma aparente imutabilidade que não tem tempo definido de início ou término, mas que permite uma análise do sistema de língua até então desenvolvido pela coletividade. Exato motivo pelo qual Saussure explica que “a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução” (Saussure, 2006, p. 16).

Estes princípios de Imutabilidade e mutabilidade se baseiam, o primeiro, no caráter da arbitrariedade do signo, na proporção inumerável dos signos, na complexidade da língua, e na resistência da massa para qualquer mudança no sistema. O segundo, na continuidade das significações e seus deslocamentos no interior do signo, e nisso recai a arbitrariedade do sistema e da sua mudança ao longo do tempo. Não queremos afirmar aqui que tratam-se da mesma coisa, de fato, são coisas distintas, mas que sem o mais geral, não poderia ser alcançado uma especificação.

3.4 Mecanismo da língua

Na perspectiva do todo, um processo se releva do sistema de língua saussuriano. Esse processo de mecanismo da língua se baseia em comparações, seja por agrupamentos de ordem sintagmática (na linha) ou associativas (mentais). Ele emerge pelo motivo da língua firmar-se num período mais ou menos estático – favorecendo-se da perspectiva sincrônica –, pois Saussure (2006) afirma que dessa perspectiva emerge a “única e verdadeira realidade” para aqueles que da língua fazem uso.

Só se pode comparar algo se houver uma outra coisa que lhe sirva de objeto de comparação. Entende-se que o mecanismo da língua só se dá pela existência do sistema, pois

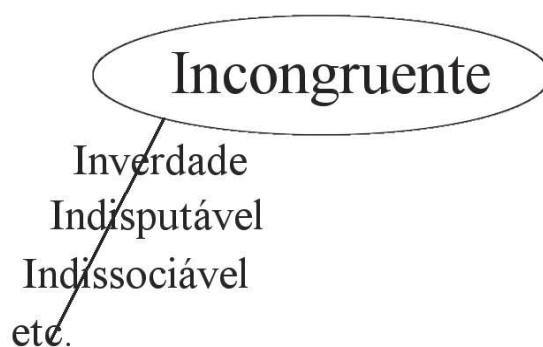
é da existência e das relações entre outros signos, que servem de unidade de comparação, que implicará no que a língua é e como funcionará.

Essa solidariedade não está apenas na linha, está também no interior dos próprios termos, como por exemplo, num processo de afixação (sufixal, prefixal, ou prefixal e sufixal) e principalmente de oposição, além de comportar termos que isolados não existem no sistema – um radical não existe por si só, da mesma forma que um sufixo ou prefixo não existe senão pela união com um radical.

O que essa solidariedade expressa é que a língua é composta por unidades complexas, que são, por sua vez, compostas por unidades mais simples, mas que ambas produzem uma significação compartilhada entre si e com o todo formado dessa união que é o signo. Mesmo que haja exceções, como Saussure tratou de evidenciar e explicar, é fato que falamos por grupos de signos.

Um fenômeno surge dos agrupamentos na linha, um novo tipo de agrupamento que se encontra na mente de forma subconsciente. Este tipo de agrupamento é associativo e feito automaticamente, ele aparece numa cadeia que se ramifica a partir das unidades mais complexas para as mais simples. Como exemplo, peguemos uma palavra qualquer, como *incongruente*, o prefixo *-in*, chama automaticamente na mente de fora subconsciente uma cadeia de outros termos das quais ele também faz parte:

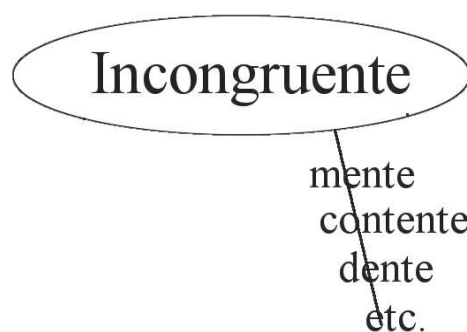
Organograma 1 – Grupo associativo com base no prefixo *-in*.



Fonte: produzido pelo autor.

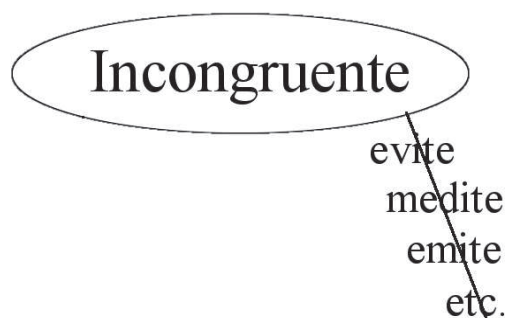
Na ponta oposta encontramos dois sufixos que são perceptíveis, *-ente* (organograma 2), e *-te* (organograma 3):

Organograma 2 – Grupo associativo com base no sufixo *-ente*.



Fonte: produzido pelo autor.

Organograma 3 – Grupo associativo com base no sufixo *-te*.



Fonte: produzido pelo autor.

Encontra-se também nessa palavra um grupo associativo de sentido (organograma 4) e um que comporta prefixo e sufixo (organograma 5):

Organograma 4 – Grupo associativo com base no sentido.



Fonte: produzido pelo autor.

Organograma 5 – Grupo associativo com base no prefixo e sufixo.



Fonte: produzido pelo autor.

Esses exemplos demonstram como esses “chamamentos” ocorrem com, aparente, simplicidade, mas que evidencia um processo cognitivo da mente humana em relação à língua. O que conduz esses “chamamentos” são pequenas similaridades, mas que resgatam na mente uma miríade de termos que compartilham dessas características semelhantes.

Outro exemplo claro, e que mostra na prática como os grupos associativos estão em jogo no dia a dia é o caso das rimas, onde uma palavra geralmente rima com a última sílaba da palavra anterior. Outro evento em particular na contemporaneidade são as famosas batalhas de rimas, também chamadas de batalhas de *rap*³, onde participantes se reúnem para disputar através das palavras quem atingiria o aval do público na plateia.

Se assim não acontecesse, as escolhas associativas não poderiam existir. Saussure (2006) nos fala que os agrupamentos, ou famílias, associativos, diferentemente do caráter de ordenação da língua, não se limitam nem em número, nem em uma sucessão predeterminada, mas se atrelam à memória e não se tem como inferir qual dos termos que serão resgatados pela mente virá como primeiro ou em qual ordem surgirão.

Ele complementa que um termo se assemelha a uma constelação, constelação esta que comporta em si diversas outras estrelas. A diferença da analogia para o exemplo aqui dado é que enquanto uma constelação comporta elementos de igual qualidade de “corpos celestes”, um termo comporta consigo diversos outros termos que são resgatados pela memória pela qualidade de “semelhança” entre eles, estas semelhanças podem, por exemplo, surgir pelos grupos associativos já mencionados.

Como a língua é “[...] um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical, que existe virtualmente em cada cérebro, [...] e só na massa ela existe de modo completo” (Saussure, 2006, p. 21), implica em dizer que em nossos cérebros possuímos todos os termos dos quais necessitamos para o uso da língua e apenas os agrupamentos associativos intervêm para reconfirmar seu uso.

Leite e Oliveira (2012) concluem:

As relações sintagmáticas e associativas implicam-se mutuamente ao notarmos que as combinações em termos associativos ocorrem considerando como funcionam no encadeamento com os demais elementos da série (ainda que a relação associativa constitua algo, segundo Saussure (2006), da ordem mnemônica virtual), do plano sintagmático. (LEITE; OLIVEIRA, 2012, p. 13).

Quando ocorre, como Saussure demonstrara no CLG e aqui exemplifico, uma frase como “que te diga” ocorre que se apresenta numa espécie de variação “num tipo sintagmático latente”, por exemplo, “que lhe diga”, “que me diga”, a escolha associativa se firma no pronome te. Tudo que não pode conceber apropriadamente para a firmação de tais escolhas é posto de lado, são ambas as escolhas sintagmáticas e associativas que estão em funcionamento.

Esse mecanismo da língua é composto de agrupamentos, num “jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca”, disso provém o termo “mecanismo”.

Por fim, havíamos mencionado que mesmo que a língua compartilhe do caráter arbitrário do signo, ela obedeceria somente a regra da tradição. Para tal, Saussure (2006) abordou o mecanismo da língua de outra perspectiva, afirmando que seria tão importante quanto da primeira forma. Essa abordagem é direcionada ao caráter absoluto ou relativo da arbitrariedade, pois as “solidariedades” são aquilo que limitam o arbitrário.

³ A cultura de batalha de rimas surgiu quase que concomitantemente ao nascimento do rap, tanto por meio das “diss”, faixa em que um rapper ataca outro, quanto pelas rinhas de freestyle entre MCs que se enfrentavam nas ruas do Bronx, o berço do hip-hop, em Nova York, nos anos 1970. <Disponível em: https://aminoapps.com/c/rapislife/page/blog/a-origem-das-batalha-de-rima/0lDE_kjTkuKlokoVvnLpJ7vX6oBnGV5e58> acesso em nov. de 2019.

Saussure insere o termo “imotivado” para designar os signos que são totalmente arbitrários e “motivado” para se referir apenas aos signos que são relativamente arbitrários. Peguemos o exemplo dado por Saussure (2006, p. 152), por sua fácil apreensão, quanto ao termo vinte, por ser imotivado, enquanto que dezenove é motivado relativamente.

Vinte é imotivado por não ser possível o seu destrinchamento em subunidades, enquanto que dezenove, fomenta a união do termo dez e nove, por sua vez, dezenove se baseia em uma união de termos já existentes na língua, enquanto que vinte não faz uso dessa união, se apresentando como imotivado. Novamente, dezenove possui relações associativas com dezoito, dezessete, etc. A motivação nunca é absoluta, por ter no interior, por exemplo, de dezenove dois termos arbitrários, e que sua união não equivale a soma dos termos separados, é o que explica a classificação de relativamente motivado, e não de totalmente motivado em contraposição de totalmente imotivado.

Essa perspectiva do mecanismo da língua tem a intenção de facilitar a análise sintagmática e evidenciar as subunidades. Saussure (op. cit., p. 154-155) conclui que “No interior de uma mesma língua, todo o movimento da evolução pode ser assinalado por uma passagem contínua do motivado ao arbitrário e do arbitrário ao motivado”, fazendo com que haja uma alteração da quantidade de termos das duas espécies, por isso o mecanismo da língua é estudado “como uma limitação do arbitrário” (op. cit., p. 154).

4 CONCLUSÃO

No desenvolvimento deste trabalho, nosso olhar foi direcionado para os princípios linguísticos saussurianos que mais se alinham com a perspectiva de sistema da língua. Deixando parcialmente de lado o caráter individual desses princípios e os aplicando num sistema ordenado por relações solidárias.

Da linguagem como um terreno composto tanto de elementos desorganizados e organizados, Saussure postulou que esta parte passível de sistematização é na realidade a língua. Ela pertencente ao social e ao individual, firmando-se através da fala, pode ser transformada pois possui uma propriedade de arbitrariedade que só é possível quando existe um sistema.

Apresentou-se alguns princípios aplicados à língua, nos limitando no possível ao CLG, de arbitrariedade, onde a faculdade de associação é a que possibilita o surgimento do signo como união de um significado e um significante, e sua associação que de nada natural possui, podendo ser aplicado a toda a língua. A linearidade que dá a qualidade de limitação do arbitrário, pela “solidariedade” de todos os signos dispostos na obtenção do sentido particular na linha. Estes dois princípios já demonstram como o signo só existe dentro de um sistema, e não de forma isolada. Sem signo não há sistema, mas sem sistema não há signo.

O valor linguístico, diferentemente do signo, necessita de elementos a mais para ser criado, a diferença é que o valor é estabelecido no sistema, enquanto que o signo nasce da associação. A imutabilidade e mutabilidade, por sua vez, são princípios básicos que afirmam a grosso modo – por até mesmo Saussure não detalhar em miúdos – que a língua pode sofrer mudanças e, concomitantemente, se manter inerte num espaço de tempo. Sem isso, ela não poderia ser nem mesmo arbitrária, pois só é a partir do pressuposto que a língua é mutável que ela pode ser arbitrária, senão haveria apenas um significado para cada significante, também a língua não poderia ser organizável sem um período estático.

O princípio e processo do mecanismo da língua se mostra fundamental quando tem-se o foco lançado para o sistema, é nele que a linearidade impera. Este mecanismo faz uso da associação no signo, e se apresenta, ainda, no interior dele, na divisão das unidades em subunidades, que se compartilham entre outros inúmeros signos da língua.

Os princípios supracitados possuem uma coisa em comum, a qual dá a eles identidade, partilham uma realidade e atribuem um valor – são as solidariedades, elas, sendo sinônimos, demonstram que o que há de mais notável fenômeno são as relações entre os elementos da língua, os signos, dentro do sistema, apoiando uns aos outros para, assim, adquirir qualidades únicas.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, Raquel. **Saussure: uma filosofia da linguística?**. **ReVEL**, vol. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/c772bf37d602e359720072f413942fb2.pdf>>. Acessado em: nov. de 2019.
- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. brasileira de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980.
- JUCHEM, Aline. **Saussure, Benveniste e o objeto da Linguística**. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, nº 36, junho de 2008. p. 285-292. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/18907>>. Acessado em: nov. de 2019.
- LEITE, T. A. R.; OLIVEIRA, K. R. de O. **Ferdinand de Saussure: pai do estruturalismo?**. **Revista InterXto**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/download/217/263>>. Acessado em: nov. de 2019.
- NEUMANN, Daiane. **O pilar da teoria saussuriana: o conceito de arbitrariedade**. Seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras (7. : 2010 : Passo Fundo, RS). Educação lingüística no séc. XXI : foco na aprendizagem das línguas e das literaturas – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010. Disponível em: <<http://selesselm.upf.br/download/artigos-2010/lm-daiane-neumann.pdf>>. Acessado em: nov. de 2019.
- MANGABEIRA. Andréa Burgos de Azevedo. **A variação no sistema saussureano da língua**. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, nº 42, junho de 2011. p. 285-292. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/26028/15241>>. Acessado em: nov. de 2019.
- NÓBREGA, M. **A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos**. **Graphos**, João Pessoa, Vol. 6., N. 2/1, p. 101-110, 2004. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/34617048/a-l-ngua-como-sistema-de-signos-saussure-e-seu-trabalho-com-a-produ-o-de-sentido>>. Acessado em: nov. de 2019.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix: 2006.
- SILVA, Daniel Marra da. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov [manuscritos] : implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade

Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://imago.lettras.ufg.br/up/156/o/Tese_-_Daniel_Marra_da_Silva.pdf>. Acessado em nov. de 2019.